

UM CENTRO MINEIRO DE REFERÊNCIA EM EJA SOB OS VIESES SÓCIO-HISTÓRICO E PEDAGÓGICO: DUAS PESQUISAS QUE DIALOGAM, SE ENLAÇAM E SE COMPLEMENTAM AO CONTAR A HISTÓRIA DO CEM (SE/PJF)

Heloisa Feliciano de Almeida Alves¹
Kátia Cristina Candido Aquino Marciano²

RESUMO

O trabalho apresentado para análise é fruto da interlocução entre duas pesquisas de Mestrado, já finalizadas, em 2023, pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGE/UFJF). Ambas elegeram o Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho (CEM), componente da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, como seu objeto de estudo, motivadas por sua paixão pela EJA e pela instigação causada pelo referido recinto escolar. No decurso de suas andarilhagens analíticas, vislumbrou-se a possibilidade de se inter-relacionar diversos aspectos relevantes – tanto sócio-históricos como pedagógicos, da constituição/consolidação da modalidade na escola, enquanto um recorte que se consolida como outra pesquisa em andamento. No movimento de (re)significação e (re)contextualização das análises, emergiram reflexões potentes, no que tange à (re)construção das práticas curriculares e na arregimentação autônoma do(s) currículo(s) da instituição, no decurso temporal, considerando-se os diferentes contextos (social, histórico, político, pandêmico). Maximiza-se, assim, a visão de políticas públicas em prol do segmento, capazes de subverter a lógica segregacionista que, tantas vezes, o condenou à marginalização. Metodologicamente, apresentam abordagem qualitativa – sendo uma vertida para o caminhar histórico da instituição, onde se destaca a experimentação curricular, e a outra focada nas reorganizações curriculares, à época do ensino remoto e do retorno presencial, conferindo especial atenção às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas práticas em alfabetização na EJA. No campo teórico, centram-se em Freire (2002), Apple (1999), Arroyo (2013), Sacristán (2013), Magda Soares (2015), denotando a interface entre EJA, currículo e alfabetização. A disseminação associada dos trabalhos vem ganhando vulto no meio acadêmico e escolar, embalando utopias possíveis. Ao divulgá-las, prospectam-se caminhos viáveis para o campo em questão, reforçando a máxima do “ser mais”.

Palavras-chave: EJA, CEM, andarilhagens analíticas, currículo, alfabetização.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa a intersecção entre duas pesquisas de Mestrado realizadas com foco no mesmo objeto de pesquisa, ou seja, cujo *locus* de investigação foi o Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho – CEM, instituição pertencente ao rol de

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), docente contratada das redes estadual e municipal de ensino – Juiz de Fora (MG), membro do GRUPPEEJA/UFJF, helofalmd@gmail.com

² Doutoranda em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – PPGEduc/UFRRJ, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), docente efetiva das redes estadual e municipal de ensino – Juiz de Fora (MG), membro do GRUPPEEJA/UFJF, katiaaquinoeja@gmail.com



102 escolas municipais, localizado na antiga Fábrica Têxtil Bernardo Mascarenhas, no Centro de Juiz de Fora – MG.

O fato de o CEM se constituir como a única escola da rede municipal de ensino a ofertar, prioritariamente e nos três turnos, a EJA, num movimento singular de arregimentação de currículos que consolida uma experiência polivalente na organização de suas propostas, o coloca numa posição de destaque, tornando-se referência como desenvolvedor de um trabalho peculiar no campo da educação de jovens e adultos.

Neste sentido, visando adentrar no recôndito da (re)organização da(s) proposta(s) curricular(es), a primeira pesquisa, intitulada “O processo de constituição de uma proposta curricular polivalente em EJA (2001 a 2014): o Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho – CEM conta sua história”, de autoria da doutoranda Kátia Aquino, pretendeu, por meio do estudo, analisar o processo de construção sócio-histórico da oferta curricular polivalente, praticada em uma instituição específica e de destaque na oferta da EJA, da rede municipal de Juiz de Fora. Para tal, estabeleceu como marco temporal do estudo os anos de 2001 a 2014 e, como contexto de inteligibilidade teórica da pesquisa, o diálogo estabelecido entre autores do campo do currículo, a citar: Apple (1967, 1982, 1995, 1997, 1999, 2006, 2013), Ivor Goodson (1995, 2001, 2007, 2011) e Miguel Arroyo (2005, 2007, 2011, 2015), além daqueles que têm prestado grandes contribuições para o campo da EJA, como Fávero (2011), Di Pierro (2005), Freire, (1982, 2005), Sacristán (1998), Lopes (2004), Giroux (1982), dentre outros.

Consubstanciado por essa referenciação, o currículo é entendido como campo de disputas, tensões e resistências, destacando ideologias e relações de poder refletidas pela sociedade. Já o percurso metodológico da pesquisa, reuniu o levantamento e a análise de documentos escritos diversos (requerimentos, memorandos, regimento escolar, projeto político pedagógico da escola, atas de reuniões diversas, etc) que versam sobre o funcionamento administrativo e pedagógico da referida unidade escolar, articulado à interpretação de nove entrevistas semiestruturadas com atores políticos envolvidos no trabalho curricular desenvolvido pela escola, ao longo do tempo, situados no âmbito da equipe docente e gestora – da unidade e do grupo responsável pelo seu acompanhamento, na Secretaria de Educação.

Procurou-se produzir uma análise integradora de dimensões macro que versam sobre a EJA, em termos de suas normativas e leis, aspectos políticos e administrativos locais, singulares do município de Juiz de Fora e a agência dos atores políticos em destaque neste enfoque, através desse procedimento teórico metodológico. A (re)afirmação do Centro, que se revelou pelo

estudo, no cenário em questão, efetivou-se por meio de uma singular arregimentação na (re) constituição dos currículos praticados e na condução autônoma de suas ações, diferentemente do que ocorre com as demais escolas da rede municipal. Delineou-se o movimento histórico protagonizado por este estabelecimento educacional, no quefazer instituído, relativo à proposta curricular peculiar da instituição que a consagra como referência.

Sobressaem-se, assim, aspectos relevantes nessa (re)constituição de proposições, consideradas algumas dimensões relevantes, tais como: (i) transição gestora: educação x assistência social e seus efeitos na construção do atendimento; (ii) a escola enquanto campo de experimentação curricular; (iii) o fortalecimento da EJA no CEM; (iv) projetos de relevância no decurso temporal da instituição; (v) protagonistas históricos do processo. Tal percurso investigativo corroborou a importância de um trabalho com EJA respeitador das peculiaridades, destacando a relevância das múltiplas vertentes de abordagem orquestradas pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos pesquisado, pelo fato de propiciar a incursão a novas trajetórias, mesmo em meio a cenários desafiadores e limitantes, subvertendo possibilidades e realidades.

Já o segundo trabalho aqui focado, também tendo como *locus* analítico o CEM, intitulado: “Práticas curriculares em alfabetização na educação de jovens e adultos nos diversos tempos da pandemia de Covid-19: um estudo na escola Dr. Geraldo Moutinho – CEM”, de autoria da mestra Heloisa Feliciano, traz um olhar pedagógico para analisar a escola em questão, ressaltando a reflexão sobre as práticas de alfabetização das educadoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos anos iniciais, nos diferentes tempos da pandemia de Covid-19, buscando questionar quais desafios foram enfrentados e quais estratégias e redes de apoio foram produzidas, no intento de buscar garantir o vínculo do público da EJA e suas aprendizagens, nesse período tão difícil e de condições ainda mais adversas para a escolarização, na seara da modalidade.

No bojo dessas indagações, também se revelou significativo compreender que repercussões as vivências pedagógicas e humanas, durante o ensino remoto emergencial, inscreveram nos modos de alfabetizar na EJA, após o retorno das atividades presenciais na escola. Sob essa ótica, tornou-se necessário compreender as estratégias no campo curricular que se deram durante o tempo do ensino remoto e do retorno presencial, conferindo atenção destacada à questão das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) nas práticas em alfabetização na EJA. Nesse sentido, o foco se centrou no fazer curricular das educadoras alfabetizadoras, investigando quais foram as práticas curriculares voltadas para a



alfabetização nos anos iniciais na modalidade, em uma escola de oferta prioritária de EJA da rede municipal de Juiz de Fora.

No intuito de elucidar as questões postas acerca da pesquisa, o sustentáculo teórico-metodológico se debruçou na interface entre os campos da EJA, da alfabetização e do Currículo, alinhando-se a partir das contribuições de autores como, Paulo Freire, Magda Soares, Ivor Goodson, Sacristán e Miguel Arroyo, caracterizando-se por um estudo de abordagem qualitativa, com enfoque no trabalho desenvolvido por três alfabetizadoras. A base empírica produzida foi a realização de sete entrevistas e a análise de documentos curriculares fornecidos pelas partícipes da pesquisa. Entrecruzando as entrevistas e os documentos curriculares inventariados, constatou-se que as práticas curriculares, no formato on-line, interditaram o processo de alfabetização dos estudantes, evidenciando a relevância da relação dialógica que se estabelece na presencialidade da escola para garantir a escolarização dos educandos dessa etapa formativa.

Após as sondagens e reflexões acerca destas, concluiu-se que, diante de inúmeros desafios, resistências e limites - objetivos e subjetivos, as práticas curriculares das partícipes da pesquisa, voltadas a alfabetizar, foram afetadas. Os resultados revelam que a inserção das TDICs nas práticas curriculares da EJA necessita ser compreendida, não apenas como processo de instrumentalização do educador e do educando, na perspectiva do letramento digital. Requisita, pois, ser apreendida no contexto do direito legal, no âmbito das funções reparadoras, equalizadoras e qualificadoras definidas para a modalidade, sendo agregada na construção curricular como uma necessidade da educação neste campo e, para além disso, um direito.

Evidenciadas as questões emergidas desses estudos, cumpre ressaltar que pensar em educação de jovens e adultos passa, inevitavelmente, pelas trilhas da H/história – da minha, da sua, da nossa. Observar e refletir, aprofundadamente, sobre os revezes sofridos no decurso histórico da educação pública no Brasil é fato que merece seriedade nos estudos e proposições. Ampliar as possibilidades de acesso dos educandos das classes populares à escola pública, no processo de redemocratização brasileira, é requisito imprescindível. Contudo, a ascensão dessas classes instaura tensões no palco do debate relativo às finalidades políticas, sociais e educacionais dessa relevante instituição, questão esta inscrita no histórico de nosso país, mas tantas vezes silenciada ou preterida.

Mediante as evidenciações das pesquisas que dialogam e se complementam, insta reportarmo-nos ao valoroso papel das lutas sociais que desembocaram em mudanças substanciais no cenário educacional, culminando em processos de elaboração de leis e políticas



públicas educacionais, capazes de revelarem ou não o desenvolvimento nacional nesse quesito. Segundo Cury (2007), a insubstituível propulsão capaz de alavancar o direito à educação deve ser a ação responsável do Estado e suas obrigações, e como esse direito não pode ser efetivado sem os recursos necessários, “a originalidade do Brasil está em ter consignada, na Lei Maior, a fonte desses investimentos” (CURY, 2007, p. 850), mesmo que, no decurso histórico, sua efetivação seja recorrentemente contestada, ameaçada e desrespeitada.

O que se almeja, nesse contrastar de constatações, é reacender a reflexão sobre o currículo, considerando-se ser ele o elemento organizador de toda a ação educativa e norteador de práticas, no interior dos estabelecimentos escolares, pressupondo, em sua elaboração, a consideração de saberes e fazeres dos atores componentes do cenário educacional e não somente aqueles socialmente aceitos ou sob a alcunha de científicos.

De acordo com Apple (2006), muitas vezes o currículo é pensado por aqueles que não o vivenciam na prática. Isso inaugura uma discussão a respeito da tradição seletiva como resultado de uma seleção feita por alguém inserido em determinada posição e grupo social determinando a legitimidade daquele conhecimento (APPLE, 2006). Contudo, existe outra perspectiva presente em alguns debates de curriculistas acerca da seguinte questão: por que esse conteúdo e não outro? Ao dialogar com o referido questionamento, entende-se que o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser eleitos como prioritários, buscam justificar por que esses conhecimentos e não “aqueles” devem ser selecionados (SILVA, 2011, p.15).

Na saga da reflexão e investigação, na efervescência de ideias e possibilidades, um único caminho se delineou, diante da ânsia em se debruçar sobre as premissas que consubstanciaram a construção desses dois trabalhos de grande significação e destaque na esfera da educação de jovens e adultos, em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora: o CEM – Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho. Assim, a primeira pesquisa se propõe a realizar uma empreitada de compreensão do processo de construção de oferta de uma proposta curricular polivalente pelo referido estabelecimento de ensino, numa perspectiva de análise estrutural e política, no âmbito sócio-histórico.

Em relação à segunda pesquisa, que foi motivada pelo estado de emergência sanitária mundial, induzindo à busca desenfreada de novas práticas pedagógicas que contemplassem as necessidades educacionais, no novo formato, esta privilegiou olhar para o CEM e suas estratégias, naquele período, buscando desvendar as metodologias adotadas. Urge destacar que,



com a chegada da pandemia causada pelo Coronavírus, 2020 se mostrou um ano atípico e com mudanças drásticas no cenário mundial, paralisando todas as atividades, inicialmente, sucedido por um ano marcado por perdas irreparáveis e escancarando de vez as desigualdades sociais, inclusive na educação, haja vista a dificuldade de muitos alunos em relação ao acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Devido à necessidade de isolamento social, as escolas da rede municipal de Juiz de Fora paralisaram as atividades em março de 2020, retornando, no segundo semestre, com o ensino remoto, sendo imprescindível uma readaptação no currículo para atender à nova modalidade de ensino imposta pela pandemia. Toda a rede municipal de educação se mobilizou a fim de acolher os estudantes e suas famílias, naquele momento, sem, porém, perder o foco do ensino-aprendizagem em todos os segmentos (da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos). Tendo em vista tal cenário, o objetivo geral da pesquisa buscou compreender, por meio de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho – CEM, quais foram as práticas curriculares voltadas a alfabetização nos anos iniciais na EJA, desenvolvidas por suas educadoras, no contexto remoto e presencial.

O fato de o CEM ser referência no campo da EJA inspirou a escolha pela instituição nessa análise. Refletir acerca das práticas de alfabetização das educadoras da EJA, nos anos iniciais no decurso pandêmico e pós-pandêmico, instigam à formulação de inúmeras indagações e, nessa ótica, pretendeu-se, por meio da referida pesquisa, desvendar tais questões, as quais implicam em se pensar práticas curriculares que, de fato, atendam às peculiaridades da modalidade. Alguns questionamentos nortearam a busca: Como suas práticas pedagógicas foram afetadas no período remoto? Qual relação com as práticas no retorno presencial? Quais suas percepções e dificuldades com a utilização das tecnologias de informação e comunicação no período do ensino remoto? Qual currículo ocupado em alfabetizar foi produzido no ensino remoto? Em que medida as práticas interromperam o processo de alfabetização?

METODOLOGIA

Convém elucidar que o CEM foi fundado em 1990, com o objetivo inicial de acolher menores em vulnerabilidade social, sendo a única escola da rede municipal de Juiz de Fora que oferece, predominantemente e de forma presencial nos três turnos, a modalidade. Considerada uma escola de referência em EJA, destaca-se por sua peculiar arregimentação na (re)

constituição dos currículos praticados, bem como pela autonomia para definir seu direcionamento em relação à política curricular orientada pela Secretaria de Educação Municipal. Volta-se o olhar, para a referida análise, em um recorte temporal compreendido entre os anos de 2001 a 2014, através do qual se vislumbra descortinar esse *modus operandi*, destacando, assim, como se articulam seus vieses educativo e de assistência social. O que justifica a manutenção desse estabelecimento em destaque, mesmo com sua peculiar (re) organização? Conhecer seu contexto histórico é premissa para entendermos suas diversas reorganizações, a configuração atual e sua importância na cidade.

Classifica-se a primeira pesquisa como qualitativa, no contexto do estudo de caso, visando lançar o olhar sobre uma instituição que transitou por esferas diferenciadas, durante sua trajetória, definindo, de forma autônoma, estratégias e políticas curriculares e, ainda assim, se mantendo em posição destacada no campo educacional de Juiz de Fora. Neste sentido, tem como objetivo geral desvendar as premissas e preceitos que conduziram a (re) organização da proposta curricular do CEM, sobretudo entre 2001 e 2014, favorecendo a atual configuração de oferta pela escola e contribuindo para a sua singularidade e referência em EJA, na Manchester Mineira.

Considerando-se o segundo trabalho, insta frisar que, metodologicamente, a pesquisa se caracteriza por um estudo de abordagem qualitativa que assume como instrumento de produção da empiria a realização de entrevistas semiestruturadas com as educadoras ocupadas em alfabetizar nos anos iniciais da EJA no Centro de Educação Dr. Geraldo Moutinho – CEM, abordando também as questões do currículo ocupado em alfabetizar no ensino remoto e o tempo de trabalho diluído no cotidiano destacando a sobrecarga de trabalho e seu impacto na saúde física e emocional dos docentes. Ocorre o embasamento por meio da análise cuidadosa dos relatos das educadoras entrevistadas que confirmam e/ou contestam diversas questões destacadas no processo de pesquisa, comunicando aspectos relevantes e determinantes na (re) adaptação das práticas curriculares em alfabetização do CEM.



Fachada do CEM – Fonte: Arquivo pessoal das autoras

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa busca apoio nas contribuições de autores do campo das teorias críticas, com destaque para o curriculista Michael Apple (1982, 1999, 2006), pois emergem, no enredar de sua trama teórica, categorias como poder, ideologia e resistência; além de Miguel Arroyo (2011), Gadotti (1997), Freire (1997), Sacristán (2000), Di Pierro (2005), Giroux (1986), dentre outros, por entenderem o currículo como um constructo social que se institui em face de relações assimétricas de poder, isto é, reafirmando que no território disputado do currículo não há espaço para a neutralidade.

Com base em Michael Apple (1982, 1999, 2006), aflora o interesse em superar análises que configuram o currículo apenas como resultado das determinações externas à escola. Almejando ampliar a análise, persegue a compreensão do processo sócio-histórico de definição do currículo praticado na escola especificada, na relação com contextos mais amplos e em face dos dinamismos e contradições que marcam a ação daqueles que, a partir da instituição escolar, negociam desenhos curriculares para a EJA, no período definido na pesquisa.

Dessa forma, visamos melhor compreensão acerca da agência da escola e de seus atores sobre os vieses do campo do currículo, considerando suas mais diversas dimensões. Tal tarefa se constitui um empreendimento científico dos mais ousados que requisita, pois, amplitude e enfoques relacionais, além de recursos das variadas áreas do conhecimento. Portanto, adentrar nesse universo das dimensões curriculares nos habilita ao melhor entendimento dos reveses históricos, políticos e sociais que o perpassam, consubstanciando o olhar para o enfoque dado na pesquisa em questão: como o currículo se estruturou e como foi delineado, no decurso temporal.

Objetivando desvendar as questões apontadas, o estudo aqui se sustenta em autores que nos permitiram trazer, para o espaço educativo, discussões acerca da relação entre práticas curriculares em alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, com a luta em prol da justiça social e econômica numa sociedade democrática. A análise se elabora, a partir do campo da alfabetização, acionando autores como Freire (1982, 1987, 1989, 1997, 2001, 2002, 2005, 2006, 2011, 2018, 2019), Soares (2001, 2003, 2004), dentre outros não menos importantes que tratam da temática. Outros teóricos de concepção crítica de extrema relevância que se debruçam no estudo do currículo, de formas interventivas diversificadas e de abordagens estratégicas com a Educação de Jovens e Adultos compõem o referido repertório, endossando as considerações,

tais como: Ivor Goodson (1997), Sacristán (2000, 2013, 2017) e Miguel Arroyo (2005, 2006, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das análises entre as duas pesquisas, surgiu a oportunidade de inter-relacionar diversos aspectos relevantes – tanto sociais e históricos quanto pedagógicos – da constituição e consolidação da modalidade na escola, configurando-se como um recorte que se estabelece como outra pesquisa em andamento. No movimento de (re)significação e (re)contextualização das análises, surgiram reflexões significativas relativas à (re)construção das práticas curriculares e à arregimentação autônoma do(s) currículo(s) da instituição ao longo do tempo, levando em conta os diferentes contextos (social, histórico, político, pandêmico).

A pesquisa dois teve como objetivo compreender quais foram as práticas curriculares das educadoras focadas na alfabetização nos anos iniciais na EJA no CEM, durante os diversos períodos da pandemia da COVID-19. Ao examinarmos as falas e os materiais curriculares disponibilizados pelas docentes para a pesquisa, observamos o quanto os processos de alfabetização foram impactados no período em questão. A pesquisa em questão revela uma dimensão crítica e contemporânea da formação de professores, especialmente em tempos de incertezas impostos pela pandemia. Um dos grandes desafios enfrentados pelas professoras refere-se à utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação, uma vez que as três docentes que participaram do estudo reconheceram que suas formações não as prepararam adequadamente para a construção de currículos mediados por tecnologias, uma exigência inegável imposta pelo ensino remoto, decorrente da pandemia de covid-19. Para isso, elas precisaram recorrer às redes de apoio dos pares, do coletivo da escola, dos membros da família e da secretaria de educação.

A partir dos desafios impostos à educação de jovens e adultos (EJA) no CEM pela pandemia da Covid-19, a pesquisa dois, como um problema a ser analisado, buscou compreender suas repercussões na alfabetização e o impacto que as práticas curriculares mediadas por tecnologias, aplicadas durante o ensino remoto emergencial, tiveram no trabalho subsequente ao retorno das atividades presenciais. Seus objetivos se fundamentaram na reflexão sobre a dimensão e o alcance desses impactos, especialmente no que diz respeito aos debates que delimitam as deliberações educacionais relacionadas às atividades remotas e às práticas curriculares, tanto no contexto pandêmico quanto no desafiador processo de retomada



das atividades escolares. Nos relatos das educadoras, elas destacam que as práticas desenvolvidas durante a pandemia mostraram-se bastante positivas, pois proporcionaram uma maior oportunidade de utilizar ferramentas tecnológicas em favor do processo de alfabetização, resultando em mais autonomia e letramento digital.

Reconhecemos que a educação de jovens e adultos é um direito fundamental e valioso, que, além de assegurar a obtenção de habilidades relacionadas à cultura escrita – como ler e interpretar diferentes gêneros textuais, escrever seu próprio nome, manusear um computador e utilizá-lo adequadamente (Cury, 2001) –, contribui para a afirmação da cidadania e o desenvolvimento integral do ser humano. Isso porque a EJA, ao mesmo tempo que promove a alfabetização daqueles privados de seus direitos fundamentais, também busca proporcionar ao educando uma maior conscientização crítica sobre sua posição na sociedade, adotando uma perspectiva que rejeita tanto a resignação quanto o fatalismo, ou seja, a aceitação de sua condição de exploração e dominação no presente.

Os princípios políticos e pedagógicos que moldam os currículos nessa modalidade relacionam-se ao incentivo à conscientização, não apenas sobre sua situação, mas também sobre o poder que deve ser conquistado para que, como atores políticos e históricos, os educandos (e, evidentemente, também as educadoras) participem ativamente da transformação de seus contextos, desnaturalizando e politizando os processos de desigualdade e exclusão que marcam suas trajetórias e que se tornaram ainda mais evidentes durante a pandemia de covid-19.

Sob tal ótica, a pesquisa de Heloisa teve como objetivo esclarecer como, em um contexto histórico que podemos considerar dramático, as educadoras e a instituição em foco trabalharam para preservar a conexão dos educandos com a escola e tentaram dar continuidade aos seus processos de alfabetização, mesmo diante de condições objetivas e subjetivas extremamente desafiadoras. Para manter o vínculo, toda a escola e, principalmente, as educadoras se mobilizaram por meio de ligações, mensagens via *WhatsApp*, cartas e na impressão das apostilas elaboradas, que foram entregues por *motoboy* a aqueles que não podiam buscar na instituição.

Esse processo ressalta um intenso diálogo em duas frentes importantes: primeiro, sobre o uso de diferentes tecnologias, especialmente aquelas presentes nos espaços escolares; e, segundo, na construção de abordagens curriculares que garantam o atendimento às necessidades dos processos de alfabetização dos educandos da EJA, levando em consideração, ainda no conteúdo planejado, as desigualdades tecnológicas e de letramento digital dos alunos, bem como aspectos relacionados às suas experiências de mundo, como o fato de serem



trabalhadores. Os relatos das educadoras e os materiais inventariados evidenciam a presença de metodologias tradicionais nas apostilas impressas, em atividades que atendem aos alunos, especialmente aos idosos, o que pode ser justificado pela falta de materiais didáticos específicos para essa modalidade de ensino.

Conforme apresentado, as professoras identificaram dificuldades evidentes em relação à adequação das práticas curriculares de alfabetização, durante o engajamento em processos de ensino remoto, salientando que as abordagens utilizadas para alfabetizar foram impedidas nesse contexto. Além das lacunas geradas pelo ensino não presencial, evidencia-se a instabilidade e a marginalização enfrentadas pelas EJA, ao relacionar isso à carência de políticas públicas que ofereçam um conjunto diversificado de recursos pedagógicos e espaços formativos voltados especificamente para o segmento, na fase da alfabetização.

Entre as falas apresentadas, evidencia-se que as práticas curriculares desenvolvidas no contexto da EJA estão mais alinhadas ao acolhimento do que às abordagens conteudistas, demonstrando uma preocupação clara em estabelecer relações de confiança, solidariedade e diálogo entre educadores e educandos. Nos depoimentos, as docentes afirmam que foi mais desafiador manter os alunos motivados a prosseguir com seus processos de alfabetização durante a pandemia, uma vez que a presencialidade desempenha um papel significativo na escolarização do educando dessa modalidade. O contato visual da professora ao afirmar que o aluno é capaz, o movimento dos lábios ao explicar a projeção sonora de um fonema, e o incentivo do grupo da turma podem significar muito para que o educando não seja superado pelas diversas barreiras que se apresentam em seu direito de estudar e progredir em sua formação.

A EJA foi significativamente impactada durante a pandemia, especialmente porque as educadoras ressaltam que a dimensão do trabalho foi uma das mais prejudicadas, tanto pelo isolamento social quanto pela crise política e econômica do período. Em linha com isso, a ausência de diretrizes específicas para a modalidade evidencia de forma clara a desatenção do governo brasileiro ao processo de ensino voltado para adultos e idosos. Portanto, podemos concluir que a pandemia intensificou as dificuldades que educandos e educadores enfrentam na modalidade, especialmente na etapa da alfabetização.

O estudo indica que as aprendizagens foram comprometidas e interrompidas. Nesse sentido, a luta dos educandos tornou-se ainda mais desafiadora e os obstáculos que as educadoras devem enfrentar apresentam um caráter ainda mais complexo, uma vez que a condição de vulnerabilidade dos educandos se intensificou. Diante dessa realidade, é



fundamental desenvolver políticas para a recomposição das aprendizagens na modalidade, por meio de chamadas públicas, busca ativa e acolhimento, visando garantir que os educandos tenham condições de completar sua formação.

Também é importante defender a EJA presencial e ressaltar os limites que a interação remota impõe à escolarização desse público, uma vez que ficou claro o quão desafiador foi garantir a participação de todos durante o ensino remoto e como surgem desafios e limitações pedagógicas quando a presença física é interrompida. Os educadores devem estar cientes de que, no contexto atual, a EJA, como modalidade, tornou-se também um espaço de luta e resistência, assegurando assim sua sobrevivência. À luz do exposto, a proposta nacional sobre a EJA precisa ser consolidada a fim de que possamos ter, de fato, uma proposta curricular que abranja todos os sujeitos da EJA em seus processos de aprendizagem.

Portanto, além de destacar os desafios, as duas pesquisas abrem espaço para a reflexão sobre a importância da atualização constante nas práticas pedagógicas e curriculares e, como bem pontuado pela pesquisa um, urge compreender a forma como as relações estruturais determinam aspectos da escola, sendo destacadamente relevante para o entendimento do conceito de hegemonia (APPLE, 2006) porque um considerável percentual das pessoas na sociedade elabora um sentido de realidade sobre ela, já que opera, sobretudo, manipulando os pensamentos do indivíduo por meio do senso comum. Mediante tais características ideológicas, entende-se que o papel da instituição escolar é atuar hegemonicamente no processo de saturação que mina a experiência, através da tradição seletiva.

Nesse sentido, há uma seleção de práticas, significados e conhecimentos que são perpetuados e mantidos como tradicionais em uma sociedade. Essas tradições, também presentes na escola, serão auxiliares na reprodução de desigualdades, além de legitimar o funcionamento reprodutivo das instituições bem como as ações tácitas das pessoas, dentro destas (APPLE, 1989). Portanto, compreender o quanto os aspectos sócio-históricos são fundamentais para o entendimento das estratégias adotadas por um Centro de EJA são potenciais conhecimentos para se impulsionar políticas em prol da modalidade. Ao buscar caminhos para melhorar a formação docente, enfatiza-se que a educação, em especial a EJA, não é uma jornada solitária, mas um esforço coletivo, onde o suporte mútuo pode ser a chave para um aprendizado mais significativo e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário brasileiro, diante da realidade de dominação e exploração própria do mundo capitalista, ainda se encontra distante da proposição de práticas curriculares que considerem, verdadeiramente, as singularidades caracterizadoras da EJA. Tais particularidades são marcadas pelo desafio de construir currículos, na modalidade, em sintonia com seus fins sociais, políticos e educacionais, pelo reconhecimento da diversidade dos sujeitos que integram esse coletivo e das relações opressivas e dominadoras que permeiam suas vivências, de modo particular e geral, na formação focada dos docentes, nas andarilhagens pedagógicas praticadas na escola, dentre demais aspectos.

O mergulho no arcabouço das (re)organizações estruturais temporais e pedagógicas do Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho - CEM, procurando perceber de que forma as políticas educacionais e curriculares são lidas e interpretadas no seu fazer cotidiano, buscando também a verificação de que disputas estão em jogo revelou-se um exercício fundamental nestas pesquisas. No constituir dessas entrelinhas, afluíram-se a imperiosa necessidade de compreensão de como estas se concretizam, a partir da agência dos atores políticos que participam de suas recontextualizações, além das proposições didáticas, durante e pós a pandemia, revela-se igualmente crucial. Além disso, interseccionar tais elementos àqueles evidenciados na análise das estratégias a que se recorreu no advento da pandemia e após sua ocorrência, torna-se extremamente importante para se maximizar a potencialidade de um trabalho com tamanha especificidade.

No âmbito das políticas educacionais, a perspectiva crítica assinala disputas e negociações que se realizam ao redor de alianças entre grupos de poder para a garantia de seus interesses comuns e particulares. Torna-se vital reconhecer que “o currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva” (APPLE, 1995, p.59).

Trazer à tona aspectos relativos à alfabetização e letramento, em um Centro de EJA, considerados os revezes do tempo pandêmico revela-se algo crucial para se (re)pensar práticas curriculares necessárias ao contexto. Nessa perspectiva, relevante se faz assinalar elementos que impulsionam o “alfabetizar letrando” que, conforme entende Magda Soares (2015), articula as tecnologias do ler e do escrever às práticas de inserção da leitura e da escrita nos usos sociais, provocando uma transformação cognitiva. Daí a defesa intransigente da autora do letramento



como um direito humano inegociável. Conduzir o processo de alfabetização integrado ao letramento, por conseguinte, está intrinsecamente articulado à questão da avaliação.

Luckesi (2013) acredita que o que é necessário para que o ato educativo se concretize, precisa ser investigado, e como investigação da aprendizagem do aluno, a avaliação produz conhecimento sobre o processo individual de cada estudante e subsidia a reflexão dos educadores sobre as escolhas que faz no decurso da construção de seus currículos.

É perceptível, no entanto, que grande parte das políticas curriculares trazem uma ideia de normatização e organização que mais desorganizam a compreensão da população sobre o mundo, a sociedade, sua história do que contribuem para a sua transformação, entendimento da pluralidade de manifestações da nossa cultura, heterogeneidade e a construção humana. Tais considerações fazem emergir a importância de se desvelar processos no interior de estabelecimentos que, a priori, transparecem ativar mecanismos diferenciados de práticas educativas.

Os sujeitos da EJA requisitam e merecem figurar no centro destes questionamentos, ressaltando, nesta centralidade, seus saberes e fazeres, o seu “ler o mundo” e suas urgências frente à modalidade. A pesquisa em questão se move pelo empenho em produzir conhecimento que inspire nossas lutas em torno da construção da EJA como uma política pública de afirmação de direitos.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos ao Grupo de Pesquisa, Práticas e Estudos da Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Juiz de Fora – GRUPEEJA/UFJF, bem como à sua coordenadora e nossa orientadora do Mestrado, professora Dra. Mariana Cassab, que nos impulsionaram a ser mais, por meio destas pesquisas e nos moveram a entrecruzar nossos olhares para este objeto tão instigante, que é o CEM.

Também registramos nossos agradecimentos a todos que colaboraram para a concretização dos estudos, como professores, coordenadores, gestores e ex gestores da escola, contribuindo para uma análise mais fundamentada e fidedigna.

REFERÊNCIAS

ALVES, Heloisa Feliciano de Almeida. **Práticas curriculares em alfabetização na educação de jovens e adultos nos diversos tempos da pandemia de Covid- 19: Um estudo na escola Dr. Geraldo Moutinho – CEM.** Dissertação (Mestrado Acadêmico) Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

APPLE, M. W. **Para além da Lógica de Mercado: compreendendo e opondo-se ao neoliberalismo.** Tradução: Gilka Leite Garcia e Luciana Ache. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

APPLE, M. W. **Currículo e poder.** Educação e Realidade. Porto Alegre, n.14. 1989.

AQUINO, Kátia Cristina Cândido Marciano. **CEM – Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho:** Desvelando Aspectos Significativos de uma Proposta Curricular Polivalente na EJA da Rede Municipal de Juiz de Fora. Texto de qualificação do Mestrado em Educação, UFJF, 2021.

AQUINO, Kátia Cristina Cândido Marciano. **O processo sócio-histórico de constituição de uma proposta curricular polivalente em EJA (2001 a 2014):** o Centro de Educação de Jovens e Adultos Dr. Geraldo Moutinho - CEM conta sua história. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

CURY, Roberto Jamil. **A gestão democrática na escola e o direito à educação.** RBPAE – v.23, n.3, p. 483-495, set. / dez. 2007.

CURY, C. R. J. **Caros colegas de trabalho, prezadas professoras, alunos e alunas da Educação de Jovens e de Adultos (EJA)!** 2001 Disponível em:
<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/eja/pgm5.htm>. Acesso 02 set. 2024.

LUCKESI, Cipriano, Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** estudos e proposições. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: <https://fliphtml5.com/xvkas/grtn/basic>. Acesso em: 11 set. 2024.

SILVA, J. L. da; BARBOSA, C. S. Contradições da educação de jovens e adultos em tempos de educação remota. **ETD - Educação Temática Digital**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 14–31, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8665776>. Acesso em: 13 set. 2022.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2015.